



CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

JOYCE LARISSA PEREIRA COELHO

**RACISMO RELIGIOSO E A IMPLEMENTAÇÃO DO CANDOMBLÉ NA
CIDADE DE JUAZEIRO DO NORTE – CE**

JUAZEIRO DO NORTE - CE

2018

JOYCE LARISSA PEREIRA COELHO

**RACISMO RELIGIOSO E A IMPLEMENTAÇÃO DO CANDOMBLÉ NA
CIDADE DE JUAZEIRO DO NORTE – CE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito total para à obtenção do título de graduada no curso de Psicologia pelo Centro Universitário Doutor Leão Sampaio.

Orientadora: Nadya Ravella Siebra de Brito Saraiva

JUAZEIRO DO NORTE – CE

2018

RACISMO RELIGIOSO E A IMPLEMENTAÇÃO DO CANDOMBLÉ NA CIDADE DE JUAZEIRO DO NORTE – CE

Joyce Larissa Pereira Coelho¹
Nadya Ravella Siebra de Brito Saraiva²

RESUMO

O racismo religioso está bem presente no País, apesar do Brasil ser considerado um país laico. Esse racismo religioso é existente principalmente em religiões de matrizes africanas, como o candomblé. Esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa de caráter descritivo, a pesquisa ocorreu na cidade do Juazeiro do Norte –CE, e a população usada para amostra dos dados foram duas mães e um pai de santo, contando com a entrevista semiestruturada como instrumento e tem como objetivo geral investigar quais os desafios que as mães e o pai de santo encontraram ao implementar a sua religião dentro do município. Para que isto ocorresse buscou-se entender o candomblé enquanto uma religião afro-brasileira, apresentar experiências vividas dos integrantes do grupo, discutir sobre as dificuldades encontradas na implementação da unidade dentro do Juazeiro do Norte. Os dados foram divididos em categorias, como dificuldades, conquistas e a melhor forma de abolir o preconceito. Os principais resultados encontrados foram que o racismo ocorre devido a ignorância das pessoas diante da religião, que na maioria das vezes julgam a religião sem conhecer, e que a melhor maneira de abolir esse preconceito seria uma melhor forma de educação, abrangendo todas as religiões e ensinando a verdadeira história dos negros e da própria religião.

Palavra chave: Racismo- Religião- Intolerância Religiosa- Religião Afro-brasileira-Candomblé.

ABSTRACT

Religious racism is very present in the country, although Brazil is considered a secular country. This religious racism exists mainly in religions of African matrices, such as candomblé. This is a qualitative research of descriptive character, the research was carried out in the city of Juazeiro do Norte - CE, and the population used to sample the data were two mothers and one father of a saint, counting on the semistructured interview as instrument and has as general objective to investigate what challenges the mothers and the father of santo encountered in implementing their religion within the municipality. For this to happen, we sought to understand candomblé as an Afro-Brazilian religion, to present lived experiences of the members of the group, to discuss the difficulties encountered in the implementation of the unit within Juazeiro do Norte. The data were divided into categories, such as difficulties, achievements and the best way to abolish prejudice. The main findings were that racism occurs because of ignorance of people about religion, which most often judge religion unknowingly, and that the best way to abolish such prejudice would be a better form of education, encompassing all religions and religions. teaching the true history of blacks and of religion itself.

Keyword: Racism- Religion- Intolerance Religion- Afro-Brazilian Religion- Candomblé

¹ Graduanda do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio.
E-mail: larissa_coelho10@hotmail.com

² Professora Especialista do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio.
E-mail: nadyabrito@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

As religiões de matrizes africanas são vistas dentro da sociedade como algo negativo e relaciona muitas vezes como uma religião inadequada que está ligada a bruxaria. Esta interpretação exposta pela sociedade, contribui com a apreensão das pessoas que frequentam os terreiros, elevando o medo e a ansiedade de muitos, pois ao saírem de casa para ir ao terreiro muitas pessoas podem encarar com pré-julgamentos.

Os povos que foram escravizados ao serem deslocados da África para o Brasil, foram obrigados a abandonar tudo que tinham, deixando para traz na maioria das vezes a sua família, sua casa e seus valores, restando apenas as suas crenças, onde mantiveram a sua fé. A vinda destes povos para o país foi repleta de conflitos, no percurso do seu país natal até chegar ao Brasil, os escravos entravam nas embarcações eram posicionados em lugares pequenos, não se alimentavam e nem bebiam água devido a essa precarização muitos deles chegavam a óbito na embarcação. A religião e a linguagem eram o ponto mais forte em que representava a cultura dos mesmos (CARDOSO, 2017).

As religiões de origem africana ou até mesmo fundadas aqui no País pelos povos que foram escravizados continuam sofrendo preconceito e racismo mesmo depois de tantos anos de existência. Terreiros são destruídos, incendiados e ainda, as pessoas são obrigadas a deixar o terreiro, por meio da violência e o racismo.

O racismo religioso está bem presente no País, apesar do Brasil ser considerado um país laico. Esse racismo pode estar atrelado a relação de autoridade, onde pessoas que possuem um certo poder enxergam de uma forma negativa as outras religiões e seus fiéis terão que enxergar da mesma forma. Esse racismo religioso é existente principalmente em relação às religiões de matrizes africanas, como o candomblé. As religiões advindas da África continuam sofrendo preconceitos e racismo, mesmo depois de todos anos há casos de terreiros destruídos, incendiados, ameaçados o que causa um clima de medo e insegurança nos adeptos.

Direcionando os estudos para um lugar onde é considerado o berço do catolicismo da região do cariri, a cidade do Juazeiro do Norte, conhecida como a terra do Pe. Cicero. Uma cidade altamente católica, onde milhares de devotos passam pela cidade por ano, surge a seguinte indagação, quais os desafios encontrados para a implementação da religião afro-brasileira na cidade do Juazeiro do Norte?

Em uma visita ao campo na disciplina de Psicologia e Religião ofertada no 9º semestre e aos relatos dos candomblecistas entrevistados para a efetivação do trabalho da disciplina, foi possível observar algumas dificuldades em instituir a unidade na região. A cidade do Juazeiro do Norte possui uma imagem emblemática da religião católica representando a região do cariri, e este o estudo corrobora para que as pessoas estendam a sua visão mediante outras religiões, principalmente as religiões afro-brasileiras que podem sofrer um racismo religioso. O presente artigo estimula uma contribuição para um aprofundamento dos estudos neste campo afro-brasileiro, uma discussão sobre o assunto é um início de uma exposição para a elaboração de mais estudos no campo, já que ainda há uma segregação social diante desta religião.

A pesquisa foi realizada na cidade do Juazeiro do Norte, no estado do Ceará, a natureza dos dados possui uma abordagem qualitativa, quanto aos objetivos mais amplos possui um caráter descritivo, contando com a entrevista semiestruturada como instrumento e buscou investigar quais os desafios que a mãe e pai de santo encontraram ao implementar a sua religião dentro do município. Para que isto ocorresse buscou-se entender o candomblé enquanto uma religião afro-brasileira, apresentar experiências vividas dos integrantes do grupo, discutir sobre as dificuldades e encontradas na implementação da unidade dentro do Juazeiro do Norte.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 CONSTRUÇÃO DAS RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANAS NO BRASIL

De acordo com Santos (2012) as pessoas africanas foram transportadas para o Brasil com a promessa de um mundo novo, no entanto, a verdadeira razão seria para trabalhar em fazendas na área de produção, colheita e até mesmo em minas de ouro, como escravos. Então, os povos africanos internalizaram sua cultura, preceitos e sua religião, para que então fosse possível introduzir no Brasil. Perante a isso, houve uma perseguição ao introduzir a cultura, contudo adquiriram um método para introduzir a religião e cultura, como por exemplo, o Candomblé, a Umbanda, Xangô, Jurema, babassuê e etc.

Os primeiros povos ao adentrarem no Brasil, se opuseram a escravidão, e diante disso passaram a reestruturar seus acampamentos, que eram intitulados como quilombos. Esses acampamentos serviam como um refúgio, e eram fundadas por escravos que conseguiam fugir

das fazendas, então, ao adentrar em uma determinada área, construindo as suas aldeias os escravos povoavam esse local (MUNANGA, 2009 p. 92).

De acordo com Cancian (2007) a Diáspora se dá pela propagação da população, que se transportam dos seus países para viver em outro território, sendo por livre arbítrio ou por exigências impostas. No entanto os sujeitos ao deixarem os seus lares não se desvinculam dos seus princípios, e preservam então os costumes de acordo com sua cultura. Os novos hábitos se relacionam aos costumes e se envolvem com o reconhecimento pessoal e coletiva, no que lhe diz respeito a conformidade dos costumes pré-estabelecidos pelo povo.

Jessen (2001) descreve que os povos africanos foram reprimidos pela Igreja Católica a desenvolver e executar as suas crenças, pois a própria igreja determinou que esses povos fossem obrigados a se batizarem e serem ativos diante as diretrizes da igreja. Contudo, o conjunto de escravos continuava mantendo a sua linguagem africana e progrediram fortalecendo a cultura.

As diferentes doutrinas existentes no Brasil foram consequências das series de violência associada aos fenômenos religiosos dos povos escravos, refere-se a um enfoque cultural que frequentemente passa por processos de desenvolvimento, reestruturando-se cada vez mais, possibilitando então ser experienciado através desse contato com a descendência dos povos africanos (COSTA, FOLLMANN, 2013).

Conforme Prandi (2000) os princípios de crença dos afrodescendentes se reorganizaram na Bahia, em outros lugares do país é uma composição das crenças africanas e de muitos elementos da própria cultura africana, como exemplo o candomblé, que se molda como referência para os outros.

A lei nº 9.394 que determina o regulamento da educação nacional, em seu artigo 26-A, destaca que permanece prescrito que as instituições de ensino, fundamental e médio, devem possuir as instruções didáticas sobre a história e cultura afro-brasileira (BRASIL, 1996).

Introduzir os costumes africanos e afrodescendentes nas instituições de ensino retrata o progresso do “Movimento Negro”, dos pesquisadores sobre o assunto e simboliza todos os cidadãos brasileiros, assim beneficia todo o ensino. Devido a escassez de comunicação relacionado a alguns fatos sobre a história, virtudes de costumes foram prejudicados, havia uma escassez de pesquisas, e isso levou a um pensamento desagradável e infeliz diante das questões culturais dentro das instituições de ensino. (OLIVEIRA, L.B. de. S; CUNHA JÚNIOR, H.A., 2012).

2.2 O CANDOMBLÉ

Prandi (1998) alega que em torno de 1930, as crenças dos escravos seriam capazes de se inserir na esfera das crenças culturais, e até mesmo conservar-se de legados inseridos pelos afrodescendentes, ou seja, crenças que permaneciam ativas diante da sua origem. Contudo, foram se inserindo dentro do país com diversas práticas, rotinas e cultos decorrentes de suas raízes culturais, na Bahia há o candomblé, no estado de Pernambuco há o Xangô, Batuque no Rio de Janeiro entre outros.

A evolução do candomblé, foi determinado pela precisão dos povos escravos de compor as suas personalidades e identificação comum e espiritual, diante de situações que se contrapõe a escravidão e em seguida do abandono social, perante a isso obtendo uma conexão com as sedes africanas. A frente disso, as instituições religiosas salientou a reconstituição Africana no Brasil. (SILVA, 2005).

Nos espaços onde ocorrem os toques do candomblé, cada componente do grupo contribui para a organização do toque, todos possuem funções determinadas. Eles se alimentam, se higienizam e põe as vestimentas adequadas, ou até mesmo descansam após o toque, dentro desses terreiros. Há várias atividades para cada membro do grupo realizar e todos devem efetivar a cada período do dia, como no período da manhã, ao entardecer e até mesmo ao anoitecer, porém pode haver circunstâncias casuais com incidentes, que impossibilitam de realizar as atividades no horário certo, no entanto é de praxis retirar o relógio dentro do terreiro. [...] no decorrer da Cerimônia a participação não visível dos orixás, acontece em um momento de incorporação nos participantes, onde eles dançam junto com as pessoas, e a sua aparição é repleta de movimentos que acompanham a música (PRANDI, 2001).

Gomes (2003) enfatiza que o candomblé é definido por estar relacionada a uma crença que em seus rituais expõe em situações um estado de incorporação. A sua organização é composta pelo maior período dentro dos terreiros, pela gradação do membro, pelas funções, pela designação, e pelos orixás. A incorporação se trata da conexão ou ligação com o divino, constituído pelo filho e o orixá diante da incorporação corporal. Durante a chegada do orixá, o filho inicia o processo de incorporação, onde há um membro do grupo que é encarregado de retirar algumas peças de roupas e os calçados das pessoas, para que possa então dar início a incorporação e o orixá dance junto com o seu fiel. Por fim, os orixás ao se retirarem dançam uma última música com seu devoto.

Os orixás possuem particularidades e semelhanças com os humanos, cada um possui uma característica e constituem em família, amor, ódio e etc. os orixás essenciais se instituem em 12:

Bará, o homem que “manda” nas ruas e encruzilhadas; Ogum, ferreiro, guerreiro e padroeiro dos artesãos; Oíá ou Iansã, mulher guerreira e sensual, e, “dona” dos raios; Xangô, guerreiro que comanda o trovão; Odé, o caçador; OṢm, mulher de Odé; Obá, mulher guerreira; Ossânhe, o “orixá médico”, dono das folhas; Xapanã, um velho feiticeiro que comanda as doenças; Oxum, deusa da beleza e da riqueza, dona das águas doces; Iemanjá, da água salgada; Oxalá, o mais velho de todos. Cada um deles, entretanto, divide-se em vários outros da mesma categoria, com diversos nomes e idades. Eles possuem também cores e símbolos próprios. (CORREA, 2017 p.118).

O terreiro é em um recinto sagrado onde os fiéis comemoram junto com seus orixás diante dos rumores de instrumentos musicais, possibilitando assim uma junção do fiel e seu orixá, onde comemoram a existência por meio dos movimentos corporais ao som das músicas. É neste espaço que os participantes expõem suas habilidades na dança, porém continuam em um estado de conjunção com o orixá (CORREIA, 2014).

2.3 RACISMO RELIGIOSO

O racismo religioso é progresso no contexto da raça humana. As delimitações dessas exposições são alteradas conforme a gestão do governo, a sociedade e a direção administrativa do capital de cada localidade. A rejeição, o racismo e a hostilidade são definidas diante maneiras insensíveis de prenoção mantidos pelo desconhecimento, e pela regressão, no qual extrapolam em atitudes que desvalorizam ou rebaixam alguns conjuntos de pessoas. (PEREIRA, 2017).

O preconceito Religioso por ser regresso, é delimitado mediante conflito por terras e desejo por autoridades, no qual tem como decorrência um aumento dos protestos culturais e com aspectos relacionados a crença, diante a dominação social daqueles que sofrem. Alguns destes protestos continham um pronunciamento relacionado a crença, ao divino, com a intenção de incluir uma doutrina enganadora (SILVA; SOARES, 2015).

No país, o grupo de afro-brasileiro é demarcado perante uma trajetória de acontecimentos históricos em prol de uma constatação de pertencimento diante o governo, desde a fundação do governo até os dias atuais. Perante a isso, todo esse seguimento está relacionado a uma concepção jurídica com alguns conflitos com a esfera do ambiente e do próprio contexto religioso, destacando então o espaço do campo religioso. Há argumentações vastas relacionadas ao governo e a independência religiosa, no qual há um pedido para que o

governo seja imparcial, e proceda com a normatização e padronização, possibilitando as inúmeras exposições religiosas em lugares comunitários e sociais, enfatizando realmente que haja consciência da religião (CAMPOS; RUBERT, 2014).

A ONU – Organização nas Nações Unidas, em sua resolução 36/55 constitui uma abolição de toda e qualquer condição de Intolerância e Discriminação instituídas pelas religiões, e foi expressa pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 25 de novembro de 1991:

Artigo 1º §1. Toda pessoa tem o direito de liberdade de pensamento, de consciência e de religião. Este direito inclui a liberdade de ter uma religião ou qualquer convicção a sua escolha, assim como a liberdade de manifestar sua religião ou suas convicções individuais ou coletivamente, tanto em público como em privado, mediante o culto, a observância, a prática e o ensino. Artigo 2º §1. Ninguém será objeto de discriminação por motivos de religião ou convicções por parte de nenhum Estado, instituição, grupo de pessoas ou particulares (ONU, 1991).

Albuquerque e Reis (2016) ao realizarem uma pesquisa com o intuito de desmistificar esse preconceito que as pessoas possuem sobre a religião relata que o Pai de santo teve que mostrar e discorrer sobre o conceito e a importância de cada figura e explicar a sua personificação, focando então na diferenciação dos conceitos populares sobre os orixás com o verdadeiro significado, onde o mesmo menciona que as pessoas possuem um conceito mal elaborado e até mesmo são ingênuos em relação ao conhecimento da religião que podem atribuir uma interpretação ou aceitação aos orixás os comparando com algo maligno.

2.4 CATOLICISMO NO JUAZEIRO DO NORTE

A cidade de Juazeiro do Norte, na contemporaneidade é denominada por um município divino e santo, decorrente do seu contexto religioso. É um lugar conceituado e divino, com isso, recebe visitas de fiéis todos os anos e de todos os lugares do país, que comparecem para reconhecer e retribuir uma dívida concebida, e com isso para efetuar mais pedidos e atingir seus propósitos (PEREIRA; OLIVEIRA, 2009).

“A penitência foi trazida para o Juazeiro pelos primeiros missionários, tendo sido parte da visão de mundo de muitos dos líderes religiosos que viveram e andaram pelo sertão, por exemplo: Padre Ibiapina, Antônio Conselheiro, Padre Cícero, Beato Zé Lourenço” (CAMPOS, 2008).

Várias pessoas fazem jornadas para lugares que são considerados Santos, viajam por dias, percorrem estrada, buscando ouvir e cumprir uma convocação divina, na intenção de

seguir os passos bíblicos, em uma jornada de fé que será então abençoada pelo divino. Após dias na estrada os fiéis e devotos chegam à cidade do Juazeiro, que podem ser vistas por ele como a cidade de Jerusalém (PANICO, 2009).

Campos (2009) retrata em uma de suas obras, que durante a Proclamação da República e a propagação de uma cultura romana diante do catolicismo no Brasil, transcorreram episódios grandiosos na cidade do Juazeiro do Norte:

Em 1889 a beata Maria de Araújo passou a ter experiências extáticas, caindo em transe, ao receber a hóstia de Padre Cícero, em comunhão, durante as missas. É dito também que as hóstias sangravam. Entretanto, foi só quatro anos depois da morte de Padre Cícero, em 1938, que uma forte e entusiástica devoção a sua figura começou. Após vários relatos de sua aparição, o milagre se espalhou do Cariri para todo o Brasil. Desde então, muitos esperam o retorno de Cícero, quando ele libertará seu povo, tal qual Dom Sebastião, de todo o sofrimento (CAMPOS, 2009, p.36).

Silva (2013) afirma que diante a ocorrência no caso da Beata Maria de Araújo, no qual retrata o ato da eucaristia em que rogavam por melhoras na região devidas o período da seca, e é no momento da santa ceia, onde se recebem o corpo e o sangue de cristo, no qual Padre Cícero celebrava, foi entregue a hóstia sagrada a Beata Maria e no momento em que ela esta prestes a engolir a hóstia é transformada em sangue, perante esse acontecimento o próprio Padre é renomado como santo, e a Beata é ocultada da história.

A prática religiosa no cariri é reconhecida por se relacionar as vivências diárias dos seus representantes da igreja. É uma cidade repleta de fé, religião e crença, que permeia as perspectivas das pessoas que praticam a doutrina religiosa, onde o maior êxito é a aquisição de bênçãos do divino. (CARVALHO et al 2016).

3 METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada com um homem e duas mulheres candomblecistas que se disponibilizaram para participar, da cidade do Juazeiro do Norte. De início foram apresentados os termos de consentimento livre e esclarecido, e o termo do uso da voz, para que fosse possível então a transcrição mais detalhada das falas dos participantes. O estudo conteve com a participação de um Pai de Santo e duas Mães de Santo, ambos ativos dentro da religião. A escolha dos participantes deu-se devido à uma falha na comunicação com os demais candomblecistas, visto que todos os praticantes possuem um trabalho e que na maioria

das vezes os demais participantes encontravam-se ocupados, ou sem tempo para responder as perguntas das entrevistas.

Aos escolhidos para a entrevista, além do tempo disponível possuem uma vasta experiência na prática religiosa, uma participante possui 48 anos sendo membro praticante da religião, outra participante possui 35 anos onde a mesma relata que já nasceu dentro da religião afro-brasileira, o terceiro e último participante possui 22 anos da religião.

Para obtenção os dados, foi elaborado uma entrevista semiestruturada e utilizado um gravador de voz, que possuía o intuito de recolher e transcrever melhor os dados da entrevista.

Para a averiguação dos dados, quanto a sua natureza foi empregado um estudo de abordagem qualitativa, de caráter descritiva, onde se instigou sobre os desafios que os representantes dos terreiros encontraram ao prosseguir com as suas crenças e religiões dentro do Juazeiro do Norte.

A abordagem qualitativa baseia-se em verificar e examinar fatos e aprofundar-se neles, relatando a diversidade das ações do indivíduo. Proporciona então uma investigação aprimorada e minuciosa relacionada as pesquisas, indagações, costumes, práticas, e observações de grupos sociais (MARCONI, LAKATOS, 2011, p.269).

Há uma expressão chamada “nação” que está ligada ao conceito de naturalidade, de nascimento, que aponta a ascendência cultural dos povos africanos, ao decorrer dos anos esse termo alterou-se para designar-se aos aspectos e direcionamentos do candomblé. Além de se caracterizar por aspectos direcionados a religião, há também uma ideia de que está relacionado a grupos culturais, podendo estar ligado à uma busca pela regularização da sua linguagem ancestral (OLIVEIRA, SOUZA, 2016).

O público desta pesquisa foi constituído pelo Pai e as Mães de santo, candomblecistas praticantes da religião, dos candomblés de nação Ketu e Jeje Mahin localizado na cidade do Juazeiro do Norte. O participante da nação Ketu possui 14 anos diante da iniciação litúrgica, outra participante possui 12 anos na nação Jeje Mahine a outra participante afirma que já nasceu dentro da religião afro.

A abordagem dos participantes foi feita de forma verbal, fornecendo informações básicas e apresentando o termo de esclarecimento, lendo juntamente com o participante para que não houvesse dúvidas e afirmando o total anonimato dos mesmos.

Segundo Gil (2012), as pesquisas descritivas possuem o proposito, relatar os atributos, ou seja, as qualidades ou particularidades de um público definido, de um acontecimento ou a composição entre circunstâncias distintas.

Para a análise dos dados, foi registrado todos os aspectos levantados durante a entrevista, onde foi dividido por categoria os tópicos relevantes, para que se possa expor os desafios encontrados por cada participante ao pertencerem a religião, e por fim, a construção de um quadro mais explicativo sobre os dados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foi utilizado o gravador de voz para transcrever as falas dos participantes, posteriormente os dados foram divididos em categorias como dificuldade e as conquistas ao implementarem a religião dentro da região, e a forma para abolir o preconceito diante da religião, os dados foram separados por essas categorias devido a demanda no qual apareceu diante das entrevista. Participaram da pesquisa, com nomes fictícios, o entrevistado João, a entrevistada Joana e a entrevistada Carla.

4.1 Categoria de Dificuldades

Na categoria de dificuldades o entrevistado João afirmou possuir um bloqueio em relação a aceitação do mesmo ao chegar na região e construir o seu próprio terreiro, afirma que de início houveram algumas ações hostis de moradores diante da implementação do terreiro na comunidade;

Ao chegar na comunidade onde é estabelecido o terreiro, teve algumas situações de violência, não chegou ser nada físico, mas atingiu as questões patrimoniais, depredação de alguns utensílios que ficam na porta, um alguidar que ficava a altura do muro, chegamos a ter o para-brisa do carro quebrado, isso foi bem na chegada (ENTREVISTADO JOÃO, 2018).

A entrevistada Joana relatou possuir tranquilidade em relação a realização dos toques dentro da cidade do Juazeiro do Norte, porém, em um período no qual residiram em outra cidade também pertencente a região do cariri, o terreiro foi alvo de ataques;

Eu sempre fui daqui e pra mim foi muito tranquilo [...] a gente teve um ano, em Farias Brito, foi pouco tempo, morávamos arrodidos de crentes e toda vez que íamos fazer o culto eles atiravam pedras, eles não chegaram a agredir a gente, mas jogavam pedras. Em um ano que estávamos na caminhada, sofremos com um padre. A avó da entrevistada C é bem velhinha e sempre levávamos ela em um carro, e ela em cima e o padre nos agrediu verbalmente (ENTREVISTADA JOANA, 2018).

A discriminação religiosa, o racismo, possui diversas proporções, contando com a intromissão, violação, desrespeito, o vandalismo e a devastação deste recinto, do ambiente considerado como sagrado, como um espaço para estar em contato com o divino, progredindo

até mesmo para a hostilidade e ofensas referentes aos religiosos (ORO,2007 apud GOIS, 2013).

A entrevistada Carla relatou não possuir dificuldades ao realizar o toque, mas enfatizou o racismo que sofre dentro do âmbito do trabalho;

Nos mesmos conduzindo a casa, o que posso falar é que foi uma coisa habitual [...] porém o mundo é racista, o mundo desconhece a gente como religião de fato, então é claro a gente sofre com discriminação [...]. Mas específico de sofrer por isso, é você ser convidada para realizar um trabalho como profissional, (ela é graduada em Serviço Social) e as pessoas quem me conhece quanto mãe de santo ou liderança de candomblé, acreditar e esta sempre dizendo assim ‘olha você vai como profissional e não como mãe de santo (ENTREVISTADA CARLA, 2018).

Silva (2012) retrata que o racismo religioso no espaço de efetividade das atividades realizadas do trabalho está presente em inúmeras e consideráveis proporções, onde o que vai auxiliar para que esse fato ocorra é a ausência de conhecimento partido da sociedade e a compreensão diante da religião do sujeito, onde essa falta de entendimento, da concepção de que o sujeito possui um sagrado e que tem que prosseguir com esse sagrado, pode acarretar em episódios de intolerância religiosa.

4.2 Categorias de Conquistas

Em relação à categoria de conquistas, foi observado no entrevistado João, a conquista no qual apresenta de grande importância foi o contato com as pessoas que residem no bairro e a visão que possuem de que aqueles que lutam, que cultuam o seu sagrado, estão presentes e prestes para ajudar;

A medida que os ritos começaram nos terreiros a gente começou a fazer trabalho para a comunidade, ate porque o terreiro se localiza em uma comunidade de vulnerabilidade alta [...] como temos carro, nas emergências as ambulâncias não chegavam e levávamos para o hospital, o pessoal da comunidade, fomos trabalhando, buscando parceria, fazendo ação social levamos médicos para comunidade, fazendo acompanhamento, trazendo a gestão municipal junto ao terreiro para um auxilio na comunidade (ENTREVISTADO JOÃO, 2018).

Cardoso (2015) afirma que essas assistências sociais oriunda desta religião possuem um intuito de proteção e preservação dos direitos humanos, um desenvolvimento na sociedade por meio destas ações pode afastar ou extinguir as práticas do racismo religioso, isto torna então uma forma de eliminação deste processo de opressão religiosa.

A entrevistada Joana relatou que de inicio realizava toques a portas fechadas, devido o medo de que autoridades invadissem o terreiro e a conquista se caracteriza pela realização do toque a portas abertas;

Quando a gente começou a gente não tinha essa liberdade, de dizer “eu vou tocar hoje com a porta aberta e entrar quem quiser” porque eles invadiam as casas da gente. O preconceito era muito grande, e já vinha das autoridades, a gente fechava a porta e eles ainda queriam arrombar as portas. Fui criada naquilo dali de tocar com portas fechadas, um na porta pastorando se a polícia chegasse todo mundo parava de tocar os tambores, e isso quando tinha um que tinha coragem de tocar os tambores, porque não era todo mundo que queria tocar, era tocado na palma porque não podia tocar o tambor, hoje tá muito avançado, tá muito diferente, hoje o toque esta com as portas abertas, a Mãe Carla (entrevistada) quem deu a ideia de tocar com as portas abertas (ENTREVISTADA JOANA).

Fernandes (2007) ressalta que os tambores são como meio de transitabilidade entre os mundos, caracterizado como o mundo em matéria e o mundo do divino, e que se é utilizado como forma para se conectar entre os mundos, no entanto esses atos retratam uma questão ancestral que é cultuada , tocando, cantando e dançando, facilitando assim o contato com o divino e fortalecendo os vínculos com os demais.

4.3 Categoria de Abolição dos Preconceitos

Na categoria que enfatiza o processo de abolição dos preconceitos, o entrevistado João traz o discurso referente à educação como uma forma de cessar todo tipo de discriminação;

"Temos que acabar com os tabus, e acabamos com ele através da educação, escola, família, relações sociais e nas universidades podemos abolir todo preconceito, para cada assunto há um processo" (ENTREVISTADO JOÃO, 2018).

Cunha Junior (2009) discute que diante de varias situações que dão origem a aversão e a repressão foram elaborados tabus que se relacionam a assuntos de religiões africanas. Uma referencia congruente das religiões podem desencadear em uma queda desses atos que levam para uma hostilidade, atos hostis de provocações podem acarretar em abandono aos estudos ou até mesmo leva o sujeito a revidar certos tipos de agressões. Os educadores necessitam discutir nas aulas a presença de religiões distintas dentro do país, já que as religiões de base africanas pertencem a história cultural do país.

A entrevistada Joana afirma que a melhor forma de extinguir o preconceito, o racismo, é se unir as religiões e fazer com que as pessoas não se sintam mal por seguir tal religião, ou que se sintam insignificantes, mas que se sintam felizes e firmes para continuar seguindo;

Eu penso que cada pessoa tem seu pensamento, pra mim a melhor coisa é a união, juntar todas as nossas religiões [...] se todos se unirem e botar na cabeça assim “eu sou igual a todo mundo” já é um bom começo, porém muitas vezes o preconceito começa em nós, por que você imagina que esta em uma turma, eu sou de candomblé, eu não vou chegar perto de vocês porque eu não sei como seria a reação de vocês [...] não pense que eu vou

chegar e brigar, eu vou falar o que eu penso, é dali que eu vou tirar o preconceito (ENTREVISTADA JOANA, 2018).

A religião possui uma percepção esperançosa procedente por um estímulo sobrenatural, em que todos os participantes se tornam uma família, possuindo uma afeição e obediência diante dos mais velhos, e fortalecendo os vínculos com os integrantes da família. As imagens preconceituosas que as pessoas possuem diante da religião podem acarretar em adoecimentos, porém alguns integrantes da religião apresentam uma indiferença, no âmbito de trabalho convive com pessoas de diversas religiões e que na maioria das vezes nega a própria religião permitindo que as pessoas continuem com os estereótipos, por medo de sofrer ao revelar que é pertencente de uma religião afrodescendente (BITENCOURT et al 2017).

A entrevistada C enfatiza também a educação como uma forma de banir o preconceito, porém interlaçado aos direitos;

Educação, tudo acontece porque a verdadeira historia do povo negro não foi contada, tudo acontece pela falta de garantia de direitos, a moradia, a educação e todas as politicas publicas básicas ninguém teve direito. E isso fez com que a população negra ficasse no esquecimento, ficasse resguardadas e criminalizadas. Retomar a educação, reparar o que foi deixado pra traz é a porta (ENTREVISTADA CARLA, 2018).

Bernardo e Maciel (2015) discorrem que para defrontar o racismo deve-se ocasionar uma disseminação de princípios essenciais que inclua uma elaboração de uma representação benéfica do negro, a inclusão de um contexto e de exposições afrodescendentes nos conteúdos que devem ser cumpridos diante das cargas horarias de disciplinas, decorrente no contexto escolar e que devem presentes em currículos escolares.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi notório nos três discursos, que há uma intolerância religiosa diante desta matriz africana no momento da implementação, do primeiro contato do terreiro na comunidade, o momento em que as pessoas reconhecem que ali há um terreiro de candomblé, e esses atos podem ser denominados como a não aceitação da comunidade que o terreiro seja implementado dentro do contexto, pela ignorância, de não conhecer a religião, as pessoas podem depredar todos os objetos, um ato hostil de desprezar ou até mesmo ameaçar verbalmente os pais ou mães de santo devido seguir a própria religião ou realizar toques dentro da comunidade.

Os três entrevistados possuem uma dicotomia em relação à conquista, até porque duas entrevistadas estão com o terreiro na cidade do juazeiro do norte a mais tempo do que o

entrevistado João, apresenta ter tido contato com atos que rejeitassem a religião no início da implementação do terreiro na comunidade.

Os pais e mães de santo sempre se mostraram resistentes, persistentes no intuito de continuar lutando para seguir a religião e desconstruir todo o estereótipo cultural de que esta religião estaria interligada a atos malignos, feitiçaria, mas mostram que estão lutando, resistindo a qualquer ato e que estariam presentes pra ajudar todo mundo, continuando com os movimentos sociais.

É notório que a maneira de resistir a toda forma de preconceito está ligada a uma força de que é necessário que as pessoas estendam a visão, pois no terreiro estão presentes pessoas e que essas pessoas irão permanecer seguindo o seu sagrado, praticando seus toques em busca de um contato espiritual.

Estudar as religiões em geral é crucial, porque na medida em que se aprofundam estudos na área se formam então novas visões possíveis de formações para novos conceitos. Sair da zona de conforto de uma religião e conhecer outras se torna fundamental no intuito de abolir toda a forma de preconceito ou ignorância, porque na medida em que tomamos conhecimento de que as pessoas estão ali diante de um sagrado, cultuando o divino em busca de um contato com a espiritualidade, é possível observar que não há nada de mais.

Os principais resultados encontrados foram que o racismo ocorre devido à ignorância das pessoas diante da religião, que na maioria das vezes julgam a religião sem conhecer, e que a melhor maneira de abolir esse preconceito seria uma melhor forma de educação, abrangendo todas as religiões e ensinando a verdadeira história dos negros e da própria religião, outra maneira de abolir também seria uma união com todas as religiões para que as pessoas não julgassem a si mesma como uma forma de inferioridade, e que através dessa união as pessoas se aceitassem e aceitassem a sua religião, sem nega-las por medo do preconceito.

Esse estudo pode servir como fonte de pesquisa para que as pessoas possam aprender, conhecer e a respeitar à religião afro-brasileira, o candomblé, no qual foi citado neste trabalho. Estender a visão para outras religiões é um passo para abolir toda a forma de racismo religioso e com toda a forma de preconceito com o sagrado.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, E.C. de.; REIS, M.V.de.F. Religião, política e educação: concepções de racismo religioso dos professores do Estado do Amapá. **Revista Fronteiras & Debates**. Macapá, v. 3, n. 2, 2016.

BERNARDO, T; MACIEL, R.O. Racismo e educação: um conflito constante. **Revista Contemporânea**. v. 5, n. 1 p. 191-205, 2015.

BITENCOURT, K.A. et al. Adeptos do Candomblé e Sua Representação Social Intergrupala. **Revista Mexico Document**. 2017. Disponível em <<https://vdocuments.mx/adeptos-do-candomble-e-sua-representacao-social-intergrupala.html>>. Acesso em 24/11/2018

BRASIL. Lei nº 9.394: estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, **Planalto, Presidência da Republica**, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acessado em 07/04/18.

CANCIAN, J.R. O contexto da diáspora na construção da identidade cultural: a experiência do personagem José Viana, do romance "Sem Nome", de Helder Macedo. **Biblioteca online de ciências das comunicações**, 2007. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cancian-juliana-contexto-da-diaspora.pdf> acessado 04/04/18 as 21:00. Acesso 10 de março.

CAMPOS, R.B.C. Como Juazeiro se tornou a terra da Mãe de Deus: penitência, ethos de misericórdia e identidade do lugar. **Revista Religião e Sociedade**, v.28, nº1, Rio de Janeiro, 2008.

_____. Contação de “causos” e negociação da verdade entre os Ave de Jesus, Juazeiro do Norte – CE. **Revista do centro em rede de investigação em antropologia**, v.13, nº1, p,31-47, 2009. Disponível em <https://journals.openedition.org/etnografica/1205> Acesso 12 de Março.

CAMPOS, I.S.; RUBERT, R.A. Religiões de matriz africana e a intolerância religiosa. **Cadernos do LEPAARQ – UFPEL**, Rio Grande do Sul, v.6, nº22, 2014.

CARDOSO, M.A. Cultura Afro-Brasileira. **Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões**. Espírito Santo, v. 5, n.2, 2017. Disponível em <http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/unitas/article/viewFile/530/480>.

CARDOSO, M.T. **Religiosidade e discriminação a partir da análise dos Terreiros de Umbanda e Candomblé no Município de Rio das Ostras (RJ)**. Trabalho De Conclusão De Curso. Universidade Federal Fluminense-UFF 2015.

CARVALHO, A.C.F. de. Et al. Textos Religiosos E Práticas Cotidianas: Leitura De Aspectos Simbólicos Da Irmandade De Penitentes Peregrinos Públicos – Juazeiro Do Norte-Ce. In On Line **Revista multidisciplinar de psicologia**, v.10, nº31, p. 221-240, 2016. Disponível em <<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/502/668>> Acesso 29 de março.

CORREIA. N.F. “A Cozinha é a Base da Religião”: A Culinária Ritual no Batuque do Rio Grande do Sul. **Arquivos Brasileiros de Alimentação**. Recife, v.2, p.116-127, 2017.

CORREIA, P. P. Corpo em Transe no Candomblé: Performace e Cotidiano. ARTEFACTUM – **Revista de Estudos em Linguagens e Tecnologia**. v.8, n.1, 2014. Disponível em <<http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/247/287>> Acesso em 10/03/2018

COSTA, R.A.; FOLLMANN, J.I. Processos de construção da identidade nacional brasileira: velhas e novas interrogações sobre a contribuição das religiões de matriz africana. *Revista Brasileira de História das Religiões. ANAIS DO IV ENCONTRO NACIONAL DO GT HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E DAS RELIGIOSIDADES – ANPUH - Memória e Narrativas nas Religiões e nas Religiosidades. Maringá PR, v.5, n.15, 2013.* . Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/anais4/8.pdf>. Acesso 10/03/2018

CUNHA JUNIOR, H. Candomblés: como abordar esta cultura na escola. *Revista espaço acadêmico*. v. 9, n. 102, 2009. Disponível em <http://eduem.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/7738/4810> Acesso 22/11/2018

FERNANDES, C.S.M. Sociabilidade e cidadania: os espaços públicos de Salvador como entrelaçamento do concreto, do simbólico e do imaginário. *Revista Ciências Sociais Unisinos*. São Leopoldo, v.43,n.2, p.136-143, 2007.

GIL, A. C. *Métodos Técnicas de Pesquisa Social*, ed.6. São Paulo: Editora ATLAS S.A., 2012.

GOIS, A.J. As religiões de matrizes africanas: o candomblé, seu espaço e sistema religioso (studies concerning candomblé: its space and its religion system). *Revista Horizonte*. Minas Gerais, v. 11, n. 29, 2013.

GOMES, J.C. *O corpo como expressão simbólica nos rituais do candomblé: iniciação, transe e dança dos orixás*. 183f. Dissertação (mestrado em ciências da religião) – Ciências da Religião. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiás, 2003.

JESSEN, T.G. Discursos sobre as religiões afro-brasileiras: Da desafricanização para a reafricanização. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, Nº1, p. 1-21,2001. Traduzido por Maria Filomena Mecabô.

LAKATOS, E.M; MARCONI, M.de.A. *Metodologia Científica*. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MUNANGA, K. *Origens Africanas do Brasil Contemporâneo: Histórias, línguas, culturas e civilizações*. Ed.1. São Paulo: Global, 2009.

PANICO, F. A expressão litúrgica da romaria em Juazeiro do Norte – Ceará. *Revista de cultura teológica*. n.67, 2009. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/15452> Acesso em 04/04/2018

PEREIRA, B. C. S. Intolerância Religiosa e as Relações Étnico-Raciais: O caso das religiões de matriz. In: *VIII Jornada Internacional de Políticas Públicas*. 2017. Universidade Federal do Maranhão. 1917, 2017 Um Século de Reforma e Revolução. Universidade Federal do Maranhão.

PEREIRA, C.S.S.; OLIVEIRA, J.C.A. de. Fé e Identidade Sacra: o espaço sagrado de Juazeiro do Norte/ce. *OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia*, v.1, n.3, p,38-50, 2009.

PRANDI, R. Referências sociais das religiões afro-brasileiras: sincretismo, branqueamento, africanização. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n.8, p.151-167, 1998.

_____. De Afro-brasileiro: Etnia, Identidade, Religião. **Revista USP**, São Paulo, n.46, p52-65, 2000.

_____. O candomblé e o tempo concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.16, n.47, p.43-58. 2001. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092001000300003&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso 18/03/2018

OLIVEIRA, L.B. de. S; CUNHA JÚNIOR, H.A. A importância da lei federal nº 10.639/03. **Revista África e Africanidades**, Quissamã – RJ, n 16-17,2012. Disponível em: < http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/16-17_01.pdf>. Acesso em 07/04/2018.

OLIVEIRA, O.L.de.; SOUZA, S.L. de. A relação entre língua, nação e identidade no candomblé acreano. **Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura**. Acre, v. 5, n. 2. 2016. Disponível em <http://200.129.173.132/revista/index.php/tropos/article/view/702>. Acesso em 8/04/2018

ONU - Organização das Nações Unidas. Resolução 36/55. Declaração sobre a eliminação de todas as formas de intolerância e discriminação fundadas na religião ou nas convicções. Proclamada pela, **Assembleia Geral das Nações Unidas** em 25 de novembro de 1981. Disponível em < <http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/comite-brasileiro-de-direitos-humanos-e-politica-externa/DecElimFormIntDisc.html>> Acesso 11/03/2018

SANTOS, M. S. dos. Afinal, o que são as religiões afro-brasileiras? In: FELINTO, R. (Org.) **Culturas Africanas e Afro-Brasileiras em Sala de Aula: Saberes para os professores, fazeres para os alunos**. Ed.1. Belo Horizonte – MG: Fino Traço Editora Ltda, 2012. p.09 e 10.

Silva, J.J.da. O olhar de Padre Cícero sobre as relações sociedade natureza e sua importância na formação de núcleos rurais no Cariri cearense. **Revista Vozes, Pretérito e Devir**. v.1, n.1, 2013. Disponível em: <http://revistavozes.uespi.br/ojs/index.php/revistavozes/article/viewFile/36/38>.

SILVA, L.C. da; SOARES, K. dos R. A. A intolerância religiosa face às religiões de matriz africana como expressão das relações étnico-raciais brasileiras: o terreno do combate à intolerância no município de duque de Caxias. **Revista EDUC**, Duque de Caxias, v 01, nº3, 2015.

SILVA, R. B. da. Discriminação Religiosa no Ambiente de Trabalho. ANIMA: **Revista Eletrônica do Curso de Direito das Faculdades OPET**. Curitiba. n 8, p. 153-179, 2012.

SILVA, V.G. da. **Candomblé e Umbanda Caminhos da Devoção Brasileira**. Ed 3°. São Paulo: Selo Negro, 2005.